

# O SOLITARIO DE PARIS

Evaristo de Moraes, filho  
(Especial para DOM CASMURRO)

30/02/38

"Ha solidão por amor e solidão por odio. Por amor á propria solidão ou por odio á sociedade. A primeira é a do santo, a segunda é a do misantrôpo. André Suarez, o solitario de Paris, está no segundo caso. Vive isolado no centro da mais requintada e sociável cidade do mundo. Lembra o homem de Emerson, que permanece surdo no meio da multidão que grita. E a verdadeira solidão é essa. No deserto de Sahara ninguém é isolado porque deseja, tem-se de ser solitario por força, quer queira ou não. Mas trancar-se no 12º andar do "Edificio Odeon", ver a vida que vive em baixo, ouvir as vozes que sobem por entre os "arranha-céus", e resistir á tentação, é ser solitario, é ser asceta. É como o Paphúncio trepado numa coluna, ao relento e sem se alimentar, exposto á curiosidade pública. De nada adiantou, por exemplo, a Santo Antão fugir para as montanhas e para o deserto. As tentações não o abandonavam nunca. Seguiam-no como lobos famintos. Quanto mais só, mais o frequentava a idéa má. Por toda a parte estava o diabo a rondar-lhe a porta. "Ah! démence! démence! Est-ce ma faute? La prière m'est intolérable! J'ai le coeur plus sec qu' un rocher! Autrefois il débordait d'amour!... exclama o Saint-Antoine, de Flaubert.

Pois bem, Suarez vive numa penitencia voluntaria e dolorosa. Como o prisioneiro, de si mesmo de Papinã, elle se trancou e entregou a chave da sua prisão a alguém. Mas esse alguém morreu ou perdeu a chave. Nunca mais voltou para abrir-lhe a porta. Esqueceu-se dele. E até hoje ele espera por esse alguém que não existe, num imenso supplicio de orgulho e de sofrimento. Ai ele rumina o seu odio pela humanidade. Prepara as suas armas para um combate de que ninguém se apercebe. Só ele sabe o dia desse combate. Será entre ele e o resto dos outros homens. Em cada transênite que passa, ele vê um inimigo a rondar-lhe a porta. Em cada livreiro que o procura, ele vê um espião a devastar-lhe a fortaleza. E nessa atmosfera fantástica de perseguição e de angustia, Suarez, sossegue triste e só, como quem luta com moinhos de ventos... Enquanto espera o homem, que vingou o género humano e fugiu com a chave, ele compõe musica e estuda mathematica. E talvez por isso, de proposito ou por esquecimento, elle nunca mais tenha feito a barba. Seus cabelos caem-lhe até os hombros e a barba estende-se em ponta, numa caracterisação bíblica ou teatral de profeta perdido na supercivilizada Paris. Nem tudo é incrível nessas incríveis terras do Occidente..

Suaréz e Nietzsche são duas vidas paralelas. Até a musica os aproxima. E interessante é como os grandes solitarios amam a musica ou a mathematica. Beethoven tambem foi um grande solitario. Pascal foi outro. Pareçe que a musica ajudá-lhes a suportar a solidão. Como os soldados que levam alcool e assucar para as grandes manobras nos Alpes, eles levam musica e mathematica. Mas Suaréz é um revoltado. Ele odeia a humanidade e confessa esse odio. Por não suportar a vida entre os homens é que ele vive só. Beethoven, não. Ele era solitario pela surdez, que o prohibia de se comunicar com os seus semelhantes. E como ele os amava, que digam as mulheres! O seu testamento de 6 de outubro de 1802 começa assim: "O' vós, homens que me considerais ou me dizeis rancoroso, louco ou misantrôpo, como sois injustos comigo". Depois de falar na sua enfermidade, acrescenta: "Perdoai-me, pois, se me vedes afastado, quando quiereria mis-

Papinã, dizem ser solitarios por amar demais a humanidade. Quando longe dos homens, em abstrato, ama-os e tem piedade deles; mas basta sair á rua, aproximar-se deles, confundir-se com eles, para que todo o seu amor desapareça e se transforme em odio, em revolta, em vontade de dar repelões. E a vara mágica de condão se transforma em vara de marmelo.. Tambem solitario foi William Blake que, quando menino, jurou a toda a familia ter visto Deus na janela de sua casa. "A unica pessoa que conheci sem que me produzisse náuseas foi Fuseli e era metade turco e metade judeu. Assim, pois, queridos amigos cristãos, como vão vocês?", escreveu ele em uma de suas obras.

No ano passado, Suaréz publicou um livro — Valeurs — que quasi passou despercebido da critica mundial. A obra total de Suaréz é grande. Vai além de vinte volumes. Poesia, retrato, ensaio, viagem. Sur la vie são três volumes. Voyage du condottiere, outros três. Depois de Valeurs, elle já publicou um livro sobre Debussy. Até na forma elle se aproxima de Nietzsche. São pensamentos isolados, mais ou menos em forma de aforismos.. Pouco vão além de uma página. Só o titulo dá alguma unidade entre eles. Valeurs é um livro de desabafo, de revolta, de desprezo. Como aconteceu com Emilia Brontë, o livro ajuda-o a suportar o isolamento. Serve de valvula de segurança, impede-o de enlouquecer. Durante o tempo de reclusão voluntaria, ele tornou o seu odio mais rígido, o seu veneno mais mortifero, o seu sarcasmo mais cruel. E quando o ar fica irrespiravel, elle abre a janela e vingá-se nos que passam inocentemente do lado de fóra. Ele só sai desse isolamento mórbido envolvido em papel impresso. Cada livro seu é uma granada pestifera, em que não faltam ironia, desprezo e odio. Ele só se lembra de que existe humanidade para atacá-la, feri-la, escarnece-la.

Amostrás: "Vivré seul, comme on meurt. Car nous mourons ici, sans cesse. Quand nous venons au monde, nous naissons á la mort. L' unique combat est de l' esprit contre la mort".

"Um grand coeur est plein de soupirs en ce monde. Et chacun de ses soupirs veut dire: "Assez".

"Quand on a grandement á se plaindre, il faut se plaindre grandement, avec puissance, avec la voix loyale d'un roi en exil, en ne volant pas sa colére, et même en menaçant".

"Je me content de souffrir; mais avec fureur, jusqu'a ce que la colére s'épuise. La fureur s'use enfin dans la souffrance".

"Je porte mon péché, comme ma pourriture. Qu'est-ce lá, le péché? Tout ce qui me corrobore en moi-même, tout ce qui me lie á moi, tout ce qui me perpétue".

"Le courage est plus grand de vivre tête-á-tête avec soi dans la solitude qu'á mourir avec éclat dans le faste du cirque".

Non, je n'obéirai pas á ce que je méprise".

E ilimitado no seu isolamento silencioso, livre no seu tedio morno, vive em pleno Paris um homem solitario, do qual todos os livros, mais do que o de De Maistre, bem poderiam ter como unico titulo: viagem